

O Palácio do “Bichinho de Conta”, por vezes referido como Palácio dos Monteiro Paim, foi construído no limite Oeste da malha urbana do Bairro Alto, na antiga Rua Formosa, hoje Rua de “O Século”. É ladeado pelo Largo do chafariz da Rua Formosa e tem como vizinhos o Palácio dos Carvalhos, antiga residência do famoso Marquês de Pombal, e o Palácio do industrial francês Jácome Ratton. A elaboração da monografia deste Palácio servirá de mote para o desenvolvimento do presente trabalho, que tem como principal finalidade a composição de um retrato do que foi a habitação que a aristocracia portuguesa ocupava na cidade de Lisboa, no período entre o final do século XVII, e o advento do estilo joanino, no segundo quartel do século XVIII. Para auxiliar na contextualização do período em causa foram seleccionados mais vinte casos de estudo, que serviram para desenvolver uma análise comparativa com o Palácio do “Bichinho de Conta”.

O período identificado é balizado por dois acontecimentos fundamentais que marcam respectivamente a segunda metade do século XVII e a primeira metade do século XVIII. São eles a guerra com Castela pela independência e a entrada do ouro no Brasil. A guerra da independência tem a duração de vinte e oito anos, atravessando os reinados de Dom João IV, Dom Afonso VI e de Dom Pedro II. Esta guerra tem implicações óbvias na governação do País, nomeadamente na perpetuação da influência da aristocracia de espada, que apesar de ter sido fundamental na guerra da Restauração, acaba por contribuir pouco para o desenvolvimento económico do País. Paralelamente a esta aristocracia começa a surgir, com cada vez mais influência nas decisões reais, principalmente no reinado de Dom Pedro II, uma nova aristocracia de toga, saída das escolas de direito, principalmente de Coimbra, que vai servir de suporte para a transformação política num sistema absolutista, mais centrado na coroa, na corte e nas secretarias de estado. A transferência de poder acontece definitivamente no reinado de Dom João V, já na primeira metade do século XVIII, e é indissociável da entrada do ouro do Brasil nos cofres do estado. Os primeiros cinquenta anos do século XVIII são marcados por uma estabilidade política sem precedentes, alimentada, precisamente, pelas avultadas quantidades de ouro que vêm da colónia brasileira. Esta estabilidade termina, por fim, com o terramoto de 1755 que, por coincidência, acontece num período de forte quebra da extracção de ouro no Brasil.

A breve abordagem aqui apresentada à arquitectura aristocrática em Lisboa permite identificar, com alguma certeza, uma fase em que a aristocracia procura adaptar as suas habitações aos preceitos estéticos de um novo período. O período referente aos casos aqui apresentados é, na realidade, bem mais restrito. Se o seu início é ainda a maior incógnita, o seu fim é claramente anterior ao terramoto de 1755 e conseqüente ascensão de Pombal. Na realidade, o advento do estilo joanino, evidente em exemplos como o Palácio Ludovice (1747), em São Pedro de Alcântara, o Palácio de Barbacena (174?), ou o Palácio dos Marqueses do Lavradio (1745), ambos no Campo de Santa Clara, é verdadeiramente o período que baliza o término do tipo de intervenções abordadas nesta dissertação. A esmagadora maioria dos

palácios aqui apresentados denotam, em várias características, ser o resultado de alterações a casas nobres preexistentes. Apenas o Palácio Andrade parece ter sido concebido de raiz de acordo com as premissas arquitectónicas identificadas neste estudo. As adaptações sofridas pelos palácios ao novo período revelam-se essencialmente no que é visível de quem observa da via pública, ou de alguns espaços semipúblicos dos palácios. As fachadas são, nesta adaptação, o elemento que compromete os palácios com este novo período. Compostas por panos corridos, são marcadas, indubitavelmente, pelas janelas de sacada no andar nobre, encimadas, cada uma delas, por um entablamento simplificado e separadas dos pisos inferiores por um friso simples ou pouco adornado. Cunhais apilastrados ou pilastras simplificadas são os elementos verticais que balizam ou cadenciam as fachadas principais. Estas são invariavelmente encimadas por cornijas que rematam a fachada com o beirado à portuguesa, mas não apresentam a mesma homogeneização nas soluções para o basamento, cuja concepção se revela mais negligenciada, bem como a sua preservação posterior. Para além destes elementos, é possível, por vezes, observar a presença de um cordão horizontal entre o beirado e as janelas de sacada do andar nobre, mas sempre pobremente decorado, não contribuindo muito para reduzir o carácter austero destas fachadas. Mesmo quando a adaptação das fachadas se revela difícil devido à sua conformação irregular, como é o caso do Palácio de Santo Estêvão, a presença de janelas de sacada, e dos outros elementos característicos do estilo da época, acaba por satisfazer a pretensão de normalização. Esta intenção regularizadora da fachada é levada ao limite em alguns casos, repetindo-se os elementos caracterizadores (com destaque para as janelas de sacada do andar nobre), em fachadas demasiado extensas, como nos palácios dos Carvalhos, Redondo, Tancos e Pancas Palha. Outras vezes parecem não ser exaustivos o suficiente, como no Palácio Belmonte, para denotar a tão pretendida monumentalidade.

A variedade de soluções observáveis para as escadarias nobres e para as articulações destas com a via pública é mais um elemento revelador de como as intervenções sofridas neste período foram limitadas ao estritamente essencial. As escadarias, até algumas das que têm um carácter monumental, articulam-se muito pouco com a fachada e localizam-se na planta de uma forma demasiado aleatória, revelando uma concepção anterior ao período em causa ou, se concebidas nesta fase, adaptando-se simplesmente às preexistências, o que retira a este elemento o seu papel teatral. As alterações que os palácios aqui estudados sofrem neste período parecem ser, na falta de melhor expressão, um pouco “apressadas”. Este facto justifica-se na aparente necessidade que a aristocracia que apoiou a Restauração e a nova aristocracia em ascensão têm em afirmar rapidamente o seu estatuto social na cidade de Lisboa.

O Palácio do “Bichinho de Conta” parece ser, à partida, um excelente exemplo da habitação urbana da aristocracia no início do século XVIII, em Lisboa. É um edifício de composição horizontal, com dimensões modestas, concebido sobre um possível corpo preexistente (o corpo que alberga a garagem e o poço), e com uma volumetria bastante regular, desenvolvendo-se a planta em forma de L. Apresenta uma fachada consentânea com

o que foi observado nos restantes casos estudados, composta por um único pano público dividido em dois pisos, correspondendo o segundo piso ao andar nobre que se desenvolve monotonamente em onze janelas de sacada cada uma encimada por um entablamento simplificado. Um piso térreo já muito alterado impossibilitou a interpretação do que seria a composição original do conjunto de vãos que o compõem.

Não tendo sido possível aceder a um conjunto de plantas em número suficiente dos vinte casos estudados, a análise comparativa com o Palácio do “Bichinho de Conta” cinge-se exclusivamente à fachada e às escadarias nobres, tendo sido a planta analisada sem uma comparação exaustiva com os restantes casos. Apesar deste facto, o desenvolvimento do estudo sobre as escadarias nobres permitiu, em diversas ocasiões, observar parte das plantas de alguns dos palácios.

A principal conclusão desta comparação superficial é que a planta do andar nobre do Palácio do “Bichinho de Conta” apresenta uma disposição muito regular, comparativamente à maioria dos restantes casos, revelando uma hierarquia de espaços bastante definida. O corpo principal é dividido longitudinalmente de uma forma assimétrica por uma parede estrutural. Esta linha define a primeira e mais óbvia divisão hierárquica do espaço deste corpo principal. A poente, virados para a rua, ficam alinhados os compartimentos principais, os mais amplos e com pé direito mais alto, num conjunto de cinco salões com tectos que terão sido todos em masseira. O segundo conjunto de compartimentos, de menores dimensões, viram-se exclusivamente para o logradouro das traseiras e, no caso da última sala no extremo sul, para o jardim. Esta, pela sua dimensão e pelo facto de apresentar ainda hoje um tecto em sanca, denota um possível uso hierarquicamente equivalente ao dos cinco salões principais. Do conjunto composto pelos compartimentos deste corpo principal apenas os dois compartimentos ocupados por dois conjuntos de escadas, respectivamente pelas escadas nobres e pelas escadas de acesso ao terceiro piso, parecem ter uma função definida. Os restantes compartimentos, principalmente os cinco salões a poente e o salão com acesso ao jardim, não suscitam qualquer pista da forma como eram ocupados. Este facto corrobora o conhecimento corrente de que o uso destes espaços era bastante polivalente. Era prática habitual que o uso destes espaços se adaptasse consoante, por exemplo, o número de habitantes presentes ou algum acontecimento festivo (casamento, consoada, etc.) que obrigasse a uma ocupação diferenciada, embora pontual, do espaço.

A polivalência da planta parece ser evidenciada pela forma como os acessos aos diversos compartimentos se fazem sempre através de ligações directas, isto é, não há qualquer corredor ou sala que permita articular os vários espaços. Para se aceder a uma sala que não seja contígua é-se sempre obrigado a percorrer todos os compartimentos intermédios. Esta característica parece ter dificultado bastante as readaptações posteriores do Palácio a novas vivências e costumes, facto que se nota no aparecimento de vários acrescentos e nas opções de compartimentação, principalmente dos salões principais, que permitem a existência de corredores. Apenas um exercício de imaginação poderá apontar para a forma como estes compartimentos seriam usados. Os quartos de dormir e as salas de convívio seriam as

principais funções que definiriam a ocupação, visto as refeições não acontecerem na altura num compartimento fixo. Os hábitos sanitários também não requeriam uma área fixa, tal como as funções associadas a um escritório, a uma biblioteca ou mesmo a um oratório. Estas funções não ocupavam compartimentos absolutamente distintos, convivendo com outras funções, nomeadamente com os quartos de dormir ou de convívio. O segundo corpo, onde se encontram os compartimentos de serviço e a cozinha, encontra-se disposto no terreno de uma forma bastante conveniente, dividindo o espaço exterior em duas áreas distintas, o logradouro e o jardim. É também curioso o facto de o logradouro e os seis salões principais não terem qualquer contacto directo entre si. Entre estas duas áreas encontram-se sempre compartimentos secundários ou de serviço. A cozinha, compartimento encostado à parede de contenção que também define o logradouro, localiza-se absolutamente separada das áreas mais nobres por três compartimentos contíguos com funções muito provavelmente de apoio à cozinha. Ao contrário do restante Palácio, cujos tectos e coberturas são em madeira ou têm estruturas em madeira, a cozinha e estes três compartimentos têm, cada um deles, tectos em abóbada de berço complementados com uma cobertura única em terraço. Esta característica aliada à separação efectiva da cozinha do restante Palácio, tinha como propósito evitar a proximidade dos fogos, normalmente acesos numa cozinha, com qualquer elemento inflamável susceptível de propagar o incêndio a todo o imóvel. Durante as obras do final do século XIX que dividiram o Palácio em duas habitações, o compartimento deste corpo de serviço que se vira para o logradouro, perdeu a sua abóbada e foi-lhe acrescentado um terceiro piso. Esta opção visou prover a habitação que ficaria com uso desta área de serviço com um conjunto de escadas que permitisse aceder aos compartimentos correspondentes no terceiro piso, visto as escadas originais de acesso a este piso terem ficado englobadas na habitação da parte norte do Palácio. A título de curiosidade há a referir o conjunto que se encontra no topo Nascente do jardim. Estas estruturas não são mais que dois pequenos pátios, hoje em dia parcialmente cobertos, com uma casa de fresco, ao centro, em estilo neogótico característico dos revivalismos do século XIX. Encostado a este conjunto é observável, ainda, um quarto corpo. Este corpo, com duplo pé direito e uma chaminé bastante alta, terá sido, muito possivelmente, um forno de serviço da cozinha.

O terceiro piso do Palácio desenvolve-se, na concepção original do Palácio, apenas sobre a “metade” tardo do andar nobre (onde se encontram as escadas), recuado da fachada principal. Composto por quatro compartimentos, este piso é marcado pela presença de um quarto no seu extremo Sul. Este quarto teria uma função bastante particular. Seria aqui que estaria situado o quarto das raparigas. Um quarto normalmente distante das áreas mais sociais, destinado a servir de aposento às raparigas da aristocracia durante os primeiros anos de vida.

Para além deste quarto, existem mais três compartimentos indiferenciados, como sucedia no andar nobre, que se estendem ao longo do terceiro piso. As funções destes compartimentos são tão ambíguas como os compartimentos imediatamente por baixo, com excepção para os que contêm os dois conjuntos de escadas. De qualquer das formas, pelo facto de se tratar de

um andar mais “escondido”, o papel destes compartimentos parece estar invariavelmente relacionado com a vida do pessoal de serviço.

Das alterações sofridas no final do século XIX, há a destacar os dois compartimentos que surgem no lugar das masseiras correspondentes aos dois salões, no andar nobre, situados no extremo norte do corpo principal. Estes dois compartimentos são os que surgem destacados na fachada principal, apresentando duas janelas de peito cada um, e tiveram o óbvio objectivo de dotar a habitação a norte de quartos de dormir, relegando os compartimentos do andar nobre para espaços comuns.

O piso térreo apresenta uma conformação bastante mais irregular comparativamente aos restantes pisos. Esta conformação parece desvendar a presença de algumas preexistências ao Palácio, suposição que carece de mais informação para alcançar qualquer conclusão efectiva. A planta deste piso pode ser dividida em dois conjuntos relativamente distintos. O primeiro, o conjunto central, é formado pelo átrio, e por dois compartimentos contíguos, um de cada lado, que, mesmo não tendo uma composição simétrica, parecem dar alguma centralidade ao átrio. O átrio terá sido em tempos mais amplo. A presença de parte de um arco transversal à planta substituindo estruturalmente uma parede mestra assim o indica. A dimensão do átrio levanta a hipótese de este, na sua composição mais primitiva, ter albergado as escadarias nobres. Esta possibilidade torna-se ainda mais pertinente se tivermos em conta que o núcleo de escadas existente, pelo menos neste piso, surge desfasado da parede de sustentação do terreno, a parede de fundo, encontrando-se mais embutido no terreno que os restantes compartimentos adjacentes.

O segundo conjunto, o conjunto a sul, é composto por um compartimento relativamente amplo, por dois compartimentos de fundo, sem ligação directa para a rua, e por um corredor de acesso a um poço, cuja boca se situa ao nível do logradouro ao lado da cozinha. Este espaço, utilizado durante o século XX como garagem, terá tido uma função equivalente no século XVIII. Foi, muito provavelmente, uma área para guardar liteiras, pequenas carruagens e até mesmo cavalos. Os compartimentos de fundo e o fácil acesso a água sugerem a presença de uma cavaleriça. Corroborando esta suposição, é possível observar a presença de um corredor que liga este conjunto ao átrio de entrada. Este corredor, que precisa vencer as diferentes cotas deste dois compartimentos devido ao declive da rua, não apresenta qualquer sinalização da presença de escadas ou degraus isolados. Este facto leva a supor que esta ligação se processava em rampa, permitindo a circulação de animais de carga ou mesmo de liteiras. Esta possibilidade permitia um uso pleno do átrio, facultando aos habitantes a conveniência de entrarem directamente no átrio sem saírem do meio de transporte utilizado.

A articulação interna do Palácio entre o exterior e o andar nobre parece seguir algumas das características identificadas na análise geral feita aos vinte casos estudados neste trabalho. A entrada nobre, centralizada na fachada, dá acesso a um espaço que tanto se pode considerar um simples vestíbulo, devido ao baixo pé-direito que apresenta, ou um átrio, tendo em conta a área generosa que ocupa. Ao fundo do átrio, após um vão em arco, surgem as escadarias nobres. Estas são compostas por três lanços rectos. O primeiro vão acede a um patamar de

onde partem mais dois lanços paralelos e independentes, de sentido contrário ao primeiro, numa disposição tipo “imperial”, semelhante ao que foi observado nas já desaparecidas escadarias do Palácio Andrade. Na realidade, a disposição dos lanços de escadas à “imperial” é um pouco anacrónica tendo em conta a data suposta para a execução do Palácio, no início do século XVIII. Com excepção para o Palácio Andrade, mais nenhum dos casos apresenta escadarias com esta disposição. Seria de esperar que as escadarias fossem mais simples, provavelmente mais “encaixadas” na disposição da planta do piso térreo. Aliado a este facto podemos ainda notar como a disposição à “imperial” é apertada na sua conformação, dispondo de um conjunto de três lanços de escadas demasiado estreitos. Estes dão directamente para as portas do primeiro salão nobre, não existindo um patamar comum unindo o topo dos dois últimos lanços. Esta configuração sugere que a disposição e localização destas escadas seriam fruto de uma concepção posterior à execução do Palácio, provavelmente já na segunda metade do século XVIII, numa tentativa de “modernizar” esta articulação, seguindo as premissas da época, ainda visíveis e absolutamente conseguidas no fronteiro Palácio dos Carvalhos. Neste, as escadarias nobres, apesar de não se disporem à imperial, alcançam a monumentalidade e teatralidade, que parecem ser procuradas no Palácio “Bichinho de Conta”, embora sem o mesmo sucesso. A esta alteração das escadarias não estaria alheia alguma redefinição no uso tanto do piso térreo, como do andar nobre, visto que as supostas escadarias primitivas, se se encontrassem no interior do perímetro do átrio, ocupariam parte de um dos salões no andar nobre.

A regularidade desta planta leva a crer que a concepção deste palácio, quer tenha aproveitado ou não alguma preexistência, foi concebido de raiz enquanto casa nobre, seguindo já as principais premissas do período em causa. Este facto aliado à possibilidade de os supostos primeiros habitantes e proprietários, Dona Maria Antónia de São Boaventura de Menezes Paim (1695-1773) e Dom Rodrigo de Sousa Coutinho (1680-1740), terem contraído matrimónio já em 1720, levam a supor que a concepção deste Palácio, na forma aproximadamente que tem hoje, tenha acontecido após esta data, num período já bastante posterior ao fim da guerra da Restauração.

Este facto, a ser verdadeiro, permite levantar duas hipóteses. A primeira hipótese corrobora a ideia corrente de que a maior parte das adaptações e novas concepções ditas “seiscentistas”, feitas pela aristocracia no século XVII, após a Restauração, mais exactamente nos primeiros anos da paz com Espanha, são executadas num período pouco abastado em recursos financeiros em consequência dos vinte e oito anos de guerra. Neste caso, a execução deste tipo de fachadas, austeras e regulares, ter-se-ia estendido para além do último quartel do século XVII, pelo menos até ao primeiro quartel do século XVIII, período provável para a concepção do Palácio do “Bichinho de Conta”. Significaria que as opções de estilo nada se prendiam com a austeridade sentida no período entre o fim da guerra com Espanha (1668) e o começo da entrada em Portugal do ouro do Brasil (1699). A segunda hipótese que pode ser levantada remete esta vaga “modernizadora” da habitação aristocrática exclusivamente para o primeiro quartel do século XVIII, chegando mesmo a haver casos concebidos ao mesmo tempo

que os primeiros exemplos de arquitectura joanina. Embora as opções arquitectónicas das intervenções pareçam um pouco desfasadas da abundância que se vivia, são bastante consentâneas com as principais referências arquitectónicas que já eram visíveis na cidade, nomeadamente o Palácio da Bemposta. Aliás, os dois únicos exemplos cujas datas de concepção foram identificadas (Bemposta e “Bichinho de Conta”), remetem, precisamente, para o primeiro quartel do século XVIII, desconhecendo-se exemplos dentro desta tipologia concebidos ou intervencionados claramente na segunda metade do século XVII. Nesse caso a índole austera das fachadas destes palácios relaciona-se exclusivamente com opções de estilo, não dependendo, aparentemente, de limitações económicas. De qualquer das formas, tenham estas intervenções acontecido durante os cinquenta anos que ligam os dois séculos ou exclusivamente após a chegada do ouro do Brasil, durante o primeiro quartel do século XVIII, esta tipologia parece reflectir uma reabertura de Portugal aos padrões da arquitectura europeia, mesmo que os modelos de referência se encontrassem já ultrapassados e tenham sido bastante simplificados. De certa maneira, a tipologia aqui apresentada sugere um período em que a arquitectura nobre lisboeta inicia uma forma de reanimação conceptual, após mais de cem anos de uma espécie de vazio no desenvolvimento de uma arquitectura civil portuguesa.

Seja qual for o período correcto para o início da concepção desta tipologia, a realidade é que o Palácio do “Bichinho de Conta”, apesar das intervenções sofridas principalmente no século XIX, manteve até aos nossos dias elementos suficientes, nomeadamente a presença da cozinha original, para fazer uma análise bastante assertiva das opções tipológicas do período estudado, merecendo, com certeza, uma preocupação com a sua preservação mais cuidada do que o previsto.

No momento em que este trabalho é escrito o Palácio aguarda comprador com projecto aprovado em sede da Câmara Municipal de Lisboa. Apesar do projecto não ter sido facultado para a elaboração desta dissertação, foi possível, todavia, conhecer algumas das suas principais propostas. A intervenção prevê o levantamento de raiz de uma estrutura em betão armado com “chapa colaborante” substituindo a estrutura original. O projecto mantém a fachada principal, “normalizando”, todavia, alguns dos vãos. Serão constituídos dez apartamentos autónomos e uma garagem, ocupando o terreno que suporta o actual jardim a sul. Está também prevista a demolição do conjunto de corpos que se encostam ao muro de fundo do lote, que inclui o corpo da cozinha e as casas de fresco. Em suma, a intervenção prevê a construção de um condomínio com garagem, sem ter em consideração a tipologia original nem as metodologias de construção tradicionais que ainda são visíveis no Palácio. Utilizando alguns dos exemplos estudados neste trabalho é possível identificar alguns casos semelhantes, nomeadamente o Palácio Flor da Murta (obra já terminada) ou o Palácio dos Condes de Murça (obra em execução). O Palácio Flor da Murta é o exemplo perfeito de uma intervenção deste género. A intervenção foi global, destituindo o interior de qualquer referência estrutural ou tipológica do palácio original. A “normalização” da fachada parece seguir os princípios de restauro de finais do século XIX, defendidos por Violet le Duc. O piso térreo foi totalmente despido da ocupação comercial, transformando-se todos os vãos de montras, portas e janelas,

numa sequência de vãos de janelas de mezanino, absolutamente iguais entre si. Estas características apontadas na intervenção do Palácio Flor da Murta são apenas alguns dos exemplos que parecem inevitáveis na transformação destas antigas estruturas aristocráticas em condomínios com várias habitações.

De qualquer das formas, apresentar uma proposta alternativa à que se encontra presentemente aprovada no caso do Palácio do “Bichinho de Conta”, tem de passar por uma reflexão bastante complexa no que diz respeito ao programa de ocupação de um edifício desta natureza. O condomínio é, obviamente, uma opção que garante alguma segurança no retorno do investimento, principalmente se os fogos forem de gama alta. No entanto, esta intenção de manter a função habitacional parece levar inevitavelmente a este tipo de retalhamento. É necessário garantir a presença de instalações sanitárias e cozinhas, ou do cumprimento de regulamentos na área da acústica ou da térmica, que raramente permitem a manutenção e valorização do que ainda se encontra construído. Qualquer intervenção que procure tornar este imóvel novamente habitado tem de seguir as exigências mais modernas para a habitação por exigência do mercado e da própria legislação, tornando-a, aparentemente, incompatível com qualquer vontade de preservar algum do valor patrimonial ainda existente.

De facto, o maior desafio neste tipo de intervenções é precisamente o seguinte: que programa se adapta a uma tipologia desta natureza? O Palácio Pancas Palha ou o Palácio Teles de Meneses sofreram recentemente obras profundas de restauro. Ambos desocupados, são o exemplo da dificuldade que existe em reutilizar este género de espaços. A adaptação para escritórios deste tipo de edifícios deixou de ser prática corrente, tendo sido preteridos para edifícios especificamente construídos para funções terciárias. Um programa de ocupação para o Palácio do “Bichinho de Conta” teria de passar sempre por uma adaptação à natureza polivalente dos seus salões e da ausência de espaços de transição específicos (nomeadamente corredores). A presença na vizinhança de duas escolas de dança e de outras actividades da indústria criativa parecem apontar para parte da solução, que se evidencia como a mais apropriada para este Palácio. Alguns nichos de mercado na área da hotelaria (hostel) e da restauração (estabelecimentos nocturnos/culturais), também poderiam adaptar-se com mais ou menos dificuldade a esta tipologia.

Independentemente do programa que melhor se adeque ao caso estudado, seria interessante aproveitar qualquer intervenção para recuperar a tipologia original do Palácio, demolindo volumes e paredes obviamente descaracterizadoras da fisionomia do século XVIII, quase como uma experiência à escala real. O que parece interessante neste imóvel é que, ao contrário do Palácio Teles de Melo, cuja ocupação por vários habitantes e consequente rearranjo dos interiores foi apagando sucessivamente os traços da tipologia original, ou no caso do Palácio dos Condes de Murça, cuja ocupação por instituições várias, escritórios, habitação e comércio, descaracterizou tanto fachadas como interiores, a ocupação do Palácio do “Bichinho de Conta”, foi, apesar de tudo, bastante mais serena e constante. As intervenções que o Palácio do “Bichinho de Conta” sofreu no último quartel do século XIX terão sido as que mais alteraram a sua tipologia, mas o facto de pelo menos metade do Palácio se ter mantido



unificada com funções habitacionais, e a outra metade só ter sido ocupada por serviços já nos anos 80 do século XX, permitiu, pelo menos, não alterar o fundamental. Não está a ser proposto uma espécie de “restauração” como os que se realizavam em meados do século XX, que são patentes, também, em alguns dos casos estudados, nomeadamente o Palácio Almada, onde a intervenção acrescenta elementos inexistentes e altera profundamente outros. O processo proposto neste trabalho para o caso estudado sugere restaurar apenas o essencial da tipologia original, através da demolição de tabiques e outras paredes divisórias que foram acrescentadas quando se dividiu o Palácio em dois fogos e, posteriormente, quando se dividiu um dos fogos em vários gabinetes.

Para além destas propostas, seria sempre necessário realizar um estudo da constituição do Palácio mais aprofundado do que o trabalho aqui apresentado, com recurso a prospecções, por forma a identificar com maior credibilidade os elementos fundamentais que caracterizavam o edifício aquando da sua construção, incluindo a verificação do seu estado de conservação e resistência, bem como a identificação dos elementos acrescentados durante os séculos seguintes merecedores de preservação.

The "Bichinho de Conta" Palace or the "Woodlouse" Palace, sometimes referred to as the Monteiro Paim Palace, was built in the western limit of "Bairro Alto" in the former Formosa Street, today's "O Século" Street. It is flanked by Formosa Street Fountain Square and is neighbour of Carvalhos Palace, a former residence of the famous Marquis the Pombal, and the Palace of the French industrial Jacome Rattou. The preparation of the monograph of this Palace served as a motto for the development of this work, which has as its main purpose composing a picture of the housing that the Portuguese aristocracy held in Lisbon, in the period between the late seventeenth century, and the advent of Johannine style, in the second quarter of the eighteenth century. To aid the contextualization of this period, twenty case studies were selected, which were then used to develop a comparative analysis with the Palace of "Bichinho de Conta".

The period identified is delimited by two key events that mark respectively the second half of the seventeenth century and the first half of the eighteenth century, namely, the war with Castile for independence and the entry of gold from Brazil. The war of independence lasts twenty-eight years, through the reigns of Dom João IV, Afonso VI and Pedro II. This war has obvious implications for the governance of the country, particularly in the perpetuation of the influence of the old aristocracy, that in spite of having been instrumental in the War of Restoration, ultimately contributed little to the economic development of the country. Together with the old aristocracy, a new aristocracy of toga out of law schools, mostly Coimbra, starts to emerge, with increasingly influence in royal decisions, especially in the reign of Dom Pedro II, which will provide support for the political transformation to a absolutist system, more focused on the crown, in the court and in state secretariats. The transfer of power will definitely happen in the reign of Dom João V, in the first half of the eighteenth century, and is inseparable from the entrance of Brazil's gold in the state's safes. The first fifty years of the eighteenth century are marked by an unprecedented political stability, fuelled precisely by the great amounts of gold coming from the Brazilian colony. This stability ends in the earthquake of 1755 which, coincidentally, happens in a period of sharp decline of gold mining in Brazil.

The brief approach presented here of the aristocratic architecture in Lisbon identifies, with some security, a phase in which the aristocracy tries to adapt their homes to the aesthetic precepts of a new period. The period referring to the cases presented here is actually much more restricted. If the beginning is still the greatest unknown, its end is clearly before the 1755 earthquake and the consequent rise of Pombal. Indeed, the advent of the Johannine style, evident in examples such as the Ludovice Palace (1747), in São Pedro de Alcântara, the Barbacena Palace (174?), or the Marquises of Lavradio Palace(1745), both in the Santa Clara field, is truly the period that marks the end of the type of interventions discussed in this dissertation. The overwhelming majority of palaces presented here seem to be the result of changes to existing noble houses in what concerns several features. Only the Andrade Palace

appears to have been designed according to the architectural features identified in this study. The adaptations suffered by the palaces to the new period are revealed only in what is visible from the public road, or some semi-public spaces of the palaces. The facades are, in this adaptation, the element that more clearly connects the palaces with this new period. With their long façades, they are marked, undoubtedly, by the bay windows on the noble floor, each topped by a simplified entablature and separated from the lower floors with a simple or slightly embellished trim. Corners with pilasters or simplified pilasters are the vertical elements that mark or give rhythm to the main facades. These are invariably topped by cornices that round off the facades with the Portuguese style eaves, but do not have the same homogenization in solutions for the plinth, whose design reveals as the most neglected, and so do the subsequent preservations. In addition, it is possible sometimes to observe the presence of a horizontal strand between the eaves and the windows of the noble floor, but always poorly decorated, not contributing much to reduce the austere look of the facades. Even when the adaptation of the facades proves difficult due to their irregular conformation, such as the Santo Estêvão Palace, the presence of bay windows, and other elements characteristic of the style of the time, is enough to satisfy the claim of normalization. This intention of regularizing the facade is pushed to the limit in some cases, repeating the characterizing elements (especially the bay windows of the noble floor), on facades that are too long, as in the palaces of Carvalhos, Redondo, Tancos and Pancas Palha. Other times it does not seem to be exhaustive enough, as in the Belmonte Palace, to show the much desired monumentality.

Another element revealing how the interventions suffered in this period were limited to what is strictly essential is the variety of observable solutions for noble staircases and the relation with the public street. The stairs, even the ones that have some monumental character, articulate very little with the facade and are too randomly located in the plant, revealing a design prior to the period in question or, if designed at this stage, simply adapting to pre-existing context, which takes out the theatrical role of this element. The changes that the palaces studied in this work suffered during this period seem to be, for lack of a better expression, a bit hasty. This can be justified by the apparent need for the aristocracy who supported the Restoration and the new rising aristocracy to rapidly assert their social status in Lisbon.

The "Bichinho de Conta" Palace seems an excellent example of urban housing of the aristocracy in the early eighteenth century, in Lisbon. It is a building of horizontal composition, with modest dimensions, conceived above a possibly pre-existing group of houses (the body containing the garage and pit), with a fairly regular volume, and the plant develops in the form of a L. It features a front line with what was observed in the other cases studied, composed of a single public facade split over two floors, the second floor corresponding to the noble floor that develops monotonously in eleven bay windows each are topped by an simplified entablature. An overly modified ground floor did not allow a clear interpretation on the composition of the original set of spans that composed it.

Not being able to access a range of plants in sufficient numbers for the twenty case studies, the comparative analysis with the "Bichinho de Conta" Palace is confined exclusively to the

facade and the noble stairs, and the plant was analysed without an exhaustive comparison to the remaining cases. Despite this fact, the development of the study on the noble stairs allowed, on several occasions, to observe part of the plants of some of the palaces.

The main conclusion of this superficial comparison is that the main floor plant of the Palace presents a very regular layout compared to most of the other cases, revealing a very defined hierarchy of spaces. The main body is divided longitudinally in an asymmetric way by a structural wall. This line defines the first and most obvious hierarchical division of the space in this main body. To the west, facing the street, the main compartments are lined, the broadest and taller set of five rooms. The second set of compartments, smaller, are exclusively turned to the back patio and, in the case of the last room in the far south, turned to the garden. This, by its size and the fact that it has still a ceiling coving, denotes a possible use hierarchically equivalent to the five main rooms. From the set of compartments on the main body, only the two compartments occupied by two sets of stairs, respectively the noble stairs and the access stairs to the third floor, seem to have a defined role. The remaining compartments, especially the five main rooms to the west and lounge with access to garden, do not raise any clue to how they were occupied. This corroborates the current knowledge indicating the use of these spaces was quite versatile. It was common practice that the use of these spaces was adapted depending, for example, on the number of people present or some festive event (wedding, supper, etc.), that obliged for a differentiated occupancy of the space.

The versatility of the plant seems to be highlighted by how the accesses to the various rooms are always through direct connections, i.e., there is no hallway or room that would articulate the various spaces. To access a room that is not adjacent to another, one must go through all the intermediate compartments. This aspect seems to have hindered the subsequent usages of the Palace to new customs, which is noticeable in the appearance of several additions and in the partitioning options, especially in the main rooms, which allow the existence of corridors. We can only imagine how these compartments would be used. The bedrooms and sitting rooms (used for socializing) are the main functions that define the occupation, since meals were not assigned to a fixed compartment at the time. The sanitary habits also did not require a fixed area, and neither did the functions associated with an office, a library or even an oratorio. These functions did not occupy distinct compartments, coexisting with other functions, namely the bedrooms or living rooms. The second body, where the service compartments and the kitchen are, is located on the lot very conveniently, dividing the exterior into two distinct areas: the patio and the garden. It is also curious that the patio and the six main halls do not have any direct contact with each other. Between these two areas are always present secondary or service compartments. The kitchen, leaning against the wall that also defines the patio, is completely separate from the noble rooms by three adjoining compartments with functions most likely for kitchen support. Unlike the rest of the Palace, in which ceilings and roofs are made of wood or with wood structures, the kitchen and these three compartments have vaulted ceilings supplemented with a terrace covering. This feature, coupled with the effective separation of the kitchen from the rest of the Palace, was intended to avoid the

proximity of the fires, usually lit in the kitchen, with any flammable element likely to spread it throughout the property. During the works of the late nineteenth century which divided the palace into two dwellings, the service room that connects with the patio lost his vault and was added a third floor. This option had the objective to provide the house using this service area with a set of stairs to allow access to the corresponding rooms on the third floor, because the original access to this floor had been included in the housing of the northern part of the Palace. Out of curiosity, it is worthy to mention the set lying east of the garden. These structures are nothing more than two small courtyards, now partially covered with a centre gazebo in neo-Gothic style, characteristic of the nineteenth century revivals. Leaning against this set there is a fourth body. This body, with double right foot and a tall chimney, was quite possibly a oven.

In the original design of the palace, the third floor of the Palace develops only above the back "half" of the main floor (where the stairs are). Comprised of four compartments, this floor is marked by the presence of a room in the far south. This room had a very specific function. This is where the room of the girls would be. A room usually far from social areas where girls of the aristocracy spent their early years.

In addition to this room there are three compartments undifferentiated, as in the main floor, which extend along the third floor. The functions of these compartments are as ambiguous as the compartments immediately underneath, except for the ones that contain the two sets of stairs. Either way, because this is a "hidden" floor, the role of these compartments seems to be invariably related to the life of the service staff.

Concerning the changes made in the late nineteenth century, the highlight is on the two compartments that replace the ceilings corresponding to the two main rooms on the main floor, located at the northern end of the main body. These two compartments are visible on the main facade, with two windows each, and had the obvious purpose of providing bedrooms to the north housing, relegating to the main floor the compartments for common spaces.

The ground floor's layout is much more irregular than the other floors. This conformation seems to unravel the presence of some pre-existing buildings, but this supposition needs more information to reach any effective conclusion. This floor's plant can be divided into two fairly distinct sets. First, the core assembly is formed by a lobby and two adjoining compartments, one on each side, which seem to provide some centrality to the atrium even without having a symmetrical composition. The atrium was probably wider. The presence of a part of an arc traversing the plant and structurally replacing a master wall indicates so. The size of the atrium seems to indicate that, in its most primitive composition, it housed the noble staircases. This possibility becomes even more relevant if we take into account that the core of the existing stairs, at least in this floor, is offset from the wall supporting the terrain, lying more embedded in the ground than the other adjacent compartments.

The second set, in the south, consists of a relatively broad compartment, two compartments in the back with no direct connection to the street, and a corridor leading to a well, whose opening is at the level of the patio alongside the kitchen. This space, used during the twentieth century as a garage, must have had an equivalent role in the eighteenth century. This was most

likely an area for storing litters, small carriages and even horses. The back compartments and the easy access to water suggest the presence of a stable. Corroborating this assumption, it is possible to observe the presence of a back corridor connecting this group to the main atrium. This corridor needs to overcome the various heights of the floors, due to the slope of the street but shows no signs of the presence of stairs or isolated steps. This leads to the supposition that this connection was made with a ramp, allowing the movement of a pack animals or even litters. This opportunity enabled the full use of the atrium, allowing the inhabitants to enter directly to the atrium without leaving their means of transport.

The internal articulation of the Palace between the exterior and the main floor seems to follow some of the characteristics identified in the overall analysis made on the twenty cases studied in this work. The noble entrance, centred on the facade, gives access to a space that can be considered both a simple vestibule, due to the low-ceilinged, or an atrium, given the generous area it occupies. In the back of the atrium, after an arched door, we can find the noble stairways. These consist of three straight flights. The first will access a level where two other flights start in parallel and independent of each other, in a disposition of the "imperial" kind, similar to what was observed in the already inexistent stairwells of the Andrade Palace. In fact, the "imperial" arrangement of the flights of stairs is somewhat anachronistic given the supposed date for the implementation of the Palace, in the early eighteenth century. Except for the Andrade Palace, none of the case studies have "imperial" staircases. One would expect that the stairs were simpler, probably more "embedded" on the plant of the ground floor. Additionally, we can still see how the "imperial" disposition is very tight, featuring a set of three flights of stairs that are too narrow. The last two flights end directly on the doors of the first main room, with no common plateau joining the top of the last two sections. This configuration suggests that the provision and location of these steps would be the result of a design after the building of the Palace, probably in the second half of the eighteenth century, in an attempt to "modernize" this articulation, following the premises at the time, still visible and completely implemented in Carvalhos Palace. Here, the noble staircases, despite not being of the "imperial" type, reach its monumentality and theatricality, which seem to be sought in the "Bichinho de Conta" Palace, although without the same success. This possible change of the main stairs would not be independent from the use of both the ground floor and the main floor, since the supposed primitive stairs, being in the inner perimeter of the atrium, would occupy part of one of the rooms on the main floor.

The regularity of this plant suggests that the design of this palace, with or without any pre-existing structures, was designed from scratch as a noble house, following the main assumptions of the period in question. This fact, coupled with the possibility that the supposed first inhabitants and owners, Dona Maria Antonia de São Boaventura Paim de Menezes (1695-1773) and Dom Rodrigo de Sousa Coutinho (1680-1740), married in 1720, leads to the supposition that the design of this palace, with the approximately form that has today, happened after this date, a period much longer later than the end of the War of Restoration.

If this fact is confirmed true, it allows raising two hypotheses. The first hypothesis supports the current idea that most adaptations and new concepts called "seiscentistas", made by the aristocracy in the seventeenth century after the Restoration, and more particularly in the first years of peace with Spain, are implemented in a period with poor financial resources as a result of the twenty-eight years of war. In this case, the building of such facades, austere and regular, would have extended beyond the last quarter of the seventeenth century, at least until the first quarter of the eighteenth century, the most likely period for the design of "Bichinho de Conta" Palace. This would mean that the style options were not related to austerity felt in the period between the end of the war with Spain (1668) and early entry of the Brazilian gold into Portugal (1699). The second hypothesis connects this "modernization" of the aristocratic housing exclusively to the first quarter of the eighteenth century, and there are even cases designed at the same time of the first examples of Johannine architecture. Even though the architectural options of the interventions seem somewhat offset from the wealth of the first half of the eighteenth century, they are quite consistent with the main architectural references that were already visible in the city, including the Bemposta Palace. In fact, the only two examples whose dates of conception were identified (Bemposta and "Bichinho de Conta") are precisely from the first quarter of the eighteenth century, even though any examples within this typology designed or clearly intervened in the second half of the seventeenth century are unknown. In this case the austere facades of palaces relates exclusively to style options, not depending, apparently, of economic constraints. Either these interventions took place during the fifty years that connect the two centuries or only after the arrival of the gold from Brazil, during the first quarter of the eighteenth century, this typology seems to reflect a reopening of Portugal to the standards of the European architecture even if the reference models found themselves already out dated and had been greatly simplified. In a way, the typology presented here suggests a period in which the noble architecture in Lisbon starts a conceptual form of resuscitation, after over a hundred years of emptiness in the development of a Portuguese civil architecture.

Whatever is the correct period for the start of this typology design, the reality is that in the "Bichinho de Conta" Palace, despite the interventions suffered especially in the nineteenth century, sufficient evidences were left, including the presence of the original kitchen, to make an assertive analysis of the typological options of the period, deserving certainly a more careful concern for its preservation than expected.

At the time this paper was written, the Palace awaits a buyer with an approved project in Lisbon Municipality. Although the project has not been provided for the preparation of this work, it was possible to know some of its main proposals. The intervention proposes a new structure with reinforced concrete with "steel deck" replacing the original structure. The project maintains the facade, "normalizing", however, some of the windows. There is the intention of building ten apartments and an independent garage, occupying the embankment that supports the existing garden to the south. The demolition of the set of bodies bordering the wall of the backward batch, which includes the kitchen, is also planned. In short, the intervention involves the construction of a condominium with garage, taking into account neither the original typology nor

the traditional construction methodologies that are still visible in the Palace. Using some of the examples studied in this work, it is possible to identify some similar cases, including the Flor de Murta Palace (work already completed) or the Counts of Murça Palace (work in progress). The Flor de Murta Palace is the perfect example of an intervention of this kind. The intervention was global, stripping the interior of any structural or typological reference of the original palace. The "normalization" of the facade seems to follow the principles of restoration of the late nineteenth century, defended by Violet le Duc. The ground floor was completely stripped of the commercial occupation, transforming all of the spans of storefronts, doors and windows, in a sequence of spans of completely equal small windows. These characteristics pointed, in the Flor da Murta Palace intervention, are just some of the examples that seem inevitable in the transformation of these old aristocratic structures into condominiums with several dwellings.

Anyway, presenting an alternative proposal to the currently approved in the case of the "Bichinho de Conta" Palace requires a fairly complex reflection with regard to the occupation program of a building of this kind. The condominium is obviously an option with some investment guarantees, especially with high cost dwellings. However, this intention of keeping the housing function appears to inevitably lead to this type of shredding. Ensuring the presence of toilets and kitchens, or the enforcement of acoustic or thermal regulations rarely allows the maintenance and enhancement of the remaining building. Any intervention that seeks to make this property inhabited again has to follow the most modern demands for housing by market and the legislation demand, making it incompatible with any desire to preserve some of the heritage value that is still there.

In fact, the biggest challenge in this type of intervention is precisely this: what kind of program respects a typology of this nature? The Pancas Palha and Teles de Meneses Palaces recently suffered profound works of restoration. Being both empty, they are a good example of the difficulty there is in reusing this kind of space. The adaptation of this type to office buildings is no longer an option, having been deprecated for buildings built specifically for tertiary functions. A program for the occupation of the "Bichinho de Conta" Palace would always go for an adaptation to the polyvalent nature of its rooms and the absence of specific transitional spaces (e.g. corridors). The presence in the neighbourhood of two dance schools and other activities of the creative industries seem to point to part of the solution, which is evident as the most appropriate for this palace. Some niche markets in the area of tourism (hostel) and restoration (nightclubs / cultural) could also be adapted to this typology.

Regardless of which program fits best the case studied, it would be interesting to leverage on any intervention to recover the original typology, demolishing walls and volumes that obviously mischaracterize the physiognomy of the eighteenth century, almost as an experiment to real scale. What seems interesting about this property is that, unlike the Teles de Melo Palace, whose occupation by various inhabitants and the consequent rearrangement of the interior successively erased the traces of the original typology, or in the case of the Counts of Murça Palace, whose occupation by several institutions, offices, residential and commercial spaces, misread both the interior and the facades, the occupation of the "Bichinho



de Conta" Palace was, after all, far more serene and steady. The interventions that the Palace suffered in the last quarter of the nineteenth century were the ones that changed the typology the most, but the fact that at least half of the Palace remained unified with housing functions, and the other half was only occupied by services already in the 80s of the twentieth century, allowed, at least, to preserve the fundamental. It's not not propose some sort of "restoration" as in the mid-twentieth century, which is also present in some of the cases studied, including the Almada Palace, where the intervention adds inexistent elements and changes others profoundly. The process proposed in this paper for the case study suggests only the restoration of the original key typology through the demolition of partitions and other walls that were added when the palace was divided into two houses and later, when one of the houses was divided into several offices.

In addition to these proposals, it would always be necessary to conduct a study on the constitution of the Palace deeper than the work presented here, using surveys to more credibly identify the key elements that characterized the building during its construction, including a verification of their conservation status and strength, as well as the identification of elements added during the following centuries worthy of preservation.